

Vicissitudes de uma obra: o caso do *Diário* de Lúcio Cardoso

Cássia dos Santos
Faculdades Integradas Metropolitanas de Campinas

O lançamento do primeiro volume do *Diário*

Terça-feira, 31 de maio de 1960. A coluna “Vida Literária” de Mauritônio Meira, publicada no *Caderno B* do *Jornal do Brasil*, antecipava a notícia do aparecimento de um novo livro de Lúcio Cardoso.

Após um período de 16 anos em que não editara romance algum – o último deles, *Dias perdidos*, datava de 1943 –, o autor havia atraído a atenção dos leitores e da crítica no ano anterior com o lançamento da *Crônica da casa assassinada*. Tendo chegado às estantes das livrarias no mês de março, o livro havia alcançado uma pronta repercussão e, no curto intervalo de cinco meses – entre 4 de abril e 12 de setembro –, fora objeto de pelo menos 24 diferentes artigos nas revistas e suplementos literários do Rio de Janeiro e de São Paulo.¹

Ainda que a singularidade do romance de 1959 no conjunto da obra do escritor pudesse justificar tais números, o que também contribuía para eles fora uma polêmica desencadeada pelo crítico pernambucano Olívio Montenegro. Acusando Lúcio Cardoso de haver pretendido causar escândalo ao centrar o enredo da *Crônica da casa assassinada* em torno de um relacionamento incestuoso, Montenegro conseguira, com seu artigo “Um romance imoral”, despertar o interesse de muitos pelo livro. Usando a situação a seu favor, o ficcionista respondeu aos ataques com uma espécie de depoimento, divulgado na coluna “Escritores e livros” de José Condé no

¹ Confira ao término de meu texto, após as Referências bibliográficas, a lista de textos organizada segundo a ordem cronológica de publicação.

Correio da Manhã, ao qual se seguiram outros textos de vários autores, entre os quais uma enquete promovida por Walmir Ayala sobre a suposta imoralidade do romance.

Com o nome posto em relevo nos jornais, Lúcio finalmente encontrou condições favoráveis para concretizar um antigo projeto: a publicação de um diário íntimo, inspirado na leitura daqueles elaborados por André Gide e Julien Green, cujas obras admirava. A Organização Simões, por meio de seu selo Elos, seria a responsável pela edição do livro, que, a julgar pelo que se lê abaixo, não havia sido aceito pela José Olympio:

VIDA LITERÁRIA

Mauritônio Meira

Diários íntimos de Lúcio Cardoso serão publicados finalmente: pela Simões

Vão ser publicados, finalmente, os cinco volumes do *Diário íntimo* do romancista Lúcio Cardoso. A edição do primeiro volume está sendo feita febrilmente pela Simões que, para isso, suspendeu todo seu trabalho editorial. Simões planejou o lançamento da primeira edição para julho, anunciando que guardará a composição do livro para uma segunda edição “que será necessária imediatamente”, dado o grande interesse que o livro despertará.

A propósito, o romancista nos disse que “não se trata de um diário de literatura”, mas, simplesmente do “diário íntimo de um escritor”, escrito dia a dia.

O LIVRO E O AUTOR

Como se sabe, correm as seguintes informações nas rodas literárias sobre esse livro:

- 1 – É uma confissão aberta de cenas do dia-a-dia do escritor, incluindo até descrições de práticas de homossexualismo;
- 2 – É um livro que foi recusado por alguns editores, inclusive por José Olympio, lançador tradicional das obras de Lúcio Cardoso;
- 3 – Pessoas que tiveram acesso aos originais consideraram-no um “livro forte demais para o Brasil”.

A esse respeito, disse-nos Lúcio Cardoso:

– Não é bem isso. O livro não foi recusado por editores, como se diz. Levei-o ao editor Ênio Silveira, da Civilização, que, para publicá-lo, exigiu uma leitura prévia de um comitê de pessoas – que nomearia – com o que não concordei.

VEM DESDE 49 ATÉ HOJE

Os cinco volumes abrangem um período que vem de 1949 até hoje. O primeiro inclui os fatos ligados à vida de LC de 1949 a 1951. Todos serão publicados sob o título único de *Diários*, com a numeração alusiva a cada volume, com capa de Carlos Penafiel.

Referindo-se a seu livro, disse o escritor:

– Acho muito importante publicar esse livro, porque a literatura brasileira é pobre em “papéis íntimos”. O autor brasileiro não se confessa. Meu livro é uma confissão. Não é um diário de literatura. É o diário da vida de um escritor. Evidentemente, como idéias fazem parte de minha vida, lá existem muitas. Mas não se trata de anotações de leituras. É a minha vida – e só.²

Se não há como saber se as informações veiculadas na coluna de Mauritônio Meira correspondem ou não de todo à verdade, nem por isso há motivo para que sejam desconsideradas. Revelando a curiosidade com que o *Diário* era aguardado no meio literário, Meira destacava a expectativa dos editores de que a obra, com lançamento previsto para julho, se esgotasse rapidamente. No mês de setembro, contudo, a impressão dos exemplares aparentemente ainda não havia sido encerrada, pois, em artigo publicado no dia 10 no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil* e intitulado “Diário: Lúcio Cardoso – a véspera do livro”, Walmir Ayala afirmava que Simões prometera para o mês seguinte a finalização do processo.

É possível, no entanto, que apenas em novembro a edição da obra tenha sido de fato ultimada. No final desse mês, mais uma vez a coluna de Mauritônio Meira conferiria destaque ao romancista mineiro, dando-lhe a oportunidade de se pronunciar sobre o significado do novo livro. Entrevistado pelo jornalista e crítico Fausto Cunha, que respondia pela coluna naquele momento, Lúcio Cardoso definiu o *Diário* como um punhal aguçado contra Minas Gerais:

² MEIRA, 31 maio 1960. Na reprodução desse fragmento de jornal, assim como na dos outros textos existentes nesse ensaio, atualizei, quando necessário, a ortografia de acordo com as normas vigentes. Tal procedimento não foi adotado em relação à grafia dos nomes próprios, contudo. Erros evidentes foram corrigidos na transcrição dos textos manuscritos e datiloscritos citados, embora tenha sido respeitada a pontuação originalmente utilizada por seus autores.

VIDA LITERÁRIA

INTERINO

Lúcio Cardoso (patético): “Ergo meu livro como um punhal contra Minas”

O livro está sobre a mesa, negro como as paredes do inferno, com letras de fogo como as chamas do inferno. Ainda não o abrimos. Não se pode ler Lúcio Cardoso desprevenido. Na verdade, é difícil lê-lo imparcialmente. Ou somos contra, ou somos a favor. Não haverá, talvez, autor brasileiro mais afirmado e mais negado do que o romancista de *A luz no subsolo*. Há quem o compare a Julien Green. Mas a que Julien Green? Também este é cambiante, é versicolor. No entanto, o *Diário* aí está e é preciso conversar com Lúcio Cardoso antes de mergulhar no seu mundo.

“A VERDADE TODA”

INT. – O que é o *Diário*, Lúcio, o que significa na sua vida literária, na sua vida?

LC – Perguntar-me o que significa o *Diário* é perguntar o que significa sua publicação, e, portanto, minha obra atual, começada com a *Crônica da casa assassinada*. Que me perdoe o tom pessoal, mas chega o momento em que a afirmação da verdade, da verdade TODA, é a única coisa possível, pelo menos se nos consideramos escritores.

MOVIMENTO DE INSUBMISSÃO

INT. – O *Diário* ...

LC – O *Diário*, como a *Crônica*, como *O viajante*, que será lançado dentro em breve pela Livraria José Olympio, tem para mim, pessoa humana e não escritor, o significado de um formidável movimento de luta e de insubmissão, contra esse elemento discordante, atroz e mesmo atentatório à grandeza de Deus que se chama a minha infância, sua permanência, pelo menos no que ela tem de mais ilegítimo e de mais poético.

“COMO UM PUNHAL”

Pretendíamos entrevistar o memorialista, mas vemos, que, em vez disso, estamos recebendo um documento humano, que precisamos registrar *verbatim ac literatim*. E não o interrompemos.

LC – “Meu movimento de luta, aquilo que busco destruir e incendiar pela visão de uma paisagem apocalíptica e sem remissão, é Minas Gerais. Meu inimigo é Minas Gerais. O punhal que levanto, com a aprovação ou não de quem quer que seja, é contra Minas Gerais. Que me entendam bem: contra a família mineira. Contra a literatura mineira. Contra a

concepção de vida mineira. Contra a fábula mineira. Contra o espírito bancário que assola Minas Gerais. Enfim, contra Minas, na sua carne e no seu espírito. Ah, mas eu a terei escrava do que surpreendi na sua imensa miséria, no seu imenso orgulho, na sua imensa hipocrisia. Mas ela me terá, se for mais forte do que eu, e dirá que eu não sou um artista, nem tenho o direito de flagelá-la, e que nunca soube entendê-la como todos esses outros – artistas! que afagam não o seu antagonismo, mas um dolente cantochão elaborado por homens acostumados a seguir a trilha do rebanho e do conformismo, do pudor literário e da vida parasitária. Ela me terá – se puder. Um de nós, pela graça de Deus, terá de subsistir. Mas acordado.”

Levantamo-nos. E de repente nos vem à memória um verso de Housman: “I, strange and afraid/ In a world I never made”. Mas o verso é esse mesmo? E de Housman?³

Com essa entrevista, que, segundo Marcos Konder Reis, “no seu tempo, deu tanto o que falar”,⁴ o autor, oscilando entre a veemência e o espalhafato, tornava patentes os conflitos que o afligiam. Esses não passaram e nem passariam despercebidos àqueles que lessem com cuidado o *Diário*, porém. Manuel Bandeira, um dos primeiros a se manifestar sobre a obra em artigo publicado em dezembro de 1960, depois de explicar como se sentira incomodado, durante a leitura da *Crônica da casa assassinada*, com o estilo quase idêntico de todos os narradores, observava:

³ CARDOSO, 25 nov. 1960. Sem reproduzir as questões e os comentários feitos pelo entrevistador, o depoimento de Lúcio foi publicado, também, no número 2 da revista *Ficção*, em que foi erroneamente apresentado como texto inédito. Na versão divulgada pelo periódico, porém, as críticas do romancista a Minas são ainda mais abrangentes, como pode ser comprovado pela leitura do fragmento abaixo, em que figuram em negrito os trechos ausentes do pronunciamento veiculado pelo *Jornal do Brasil*:

“Meu inimigo é Minas Gerais.

O punhal que **eu** levanto, com a aprovação ou não de quem quer que seja é contra Minas Gerais.

Que me entendam bem: contra a família mineira. Contra a literatura mineira. **Contra o jesuitismo mineiro. Contra a religião mineira.** Contra a concepção de vida mineira. Contra a fábula mineira. Contra o espírito **judaico** e bancário que assola Minas Gerais. Enfim, contra Minas, na sua carne e no seu espírito.”

⁴ REIS, 30 nov. 1968.

Agora Lúcio inicia a publicação do seu “Diário”. Aqui não haverá que fazer restrições desse gênero. Aqui temos Lúcio contando na sua própria voz o seu próprio romance. E as confidências de Lúcio interessam a gente, sacodem a gente por aquele mesmo misterioso toque de inquietação – a apreensão “do que pode acontecer”. Vemos nestas páginas um homem em luta consigo mesmo, com o seu destino, com o seu Deus. E como esse homem é rico de sensibilidade, de inteligência, fundamentalmente nobre e bom e corajoso, o seu “Diário” empolga-nos desde as primeiras linhas e, terminado o volume, fica-se ansioso pela continuação prometida. No meu caso de amigo e admirador de Lúcio, faço votos para que o romance tenha um fim não do gosto do romancista para os romances que inventa – um “*happy end*”.⁵

Jorge Amado, por sua vez, em resenha publicada na revista *Leitura*, avaliando a importância do livro na carreira do escritor, chamava a atenção para o que de terrível existia nele, “esse livro dilacerante, esse coração exposto, esse sangue correndo, essa solidão do homem”,⁶ que o haviam impressionado vivamente, como se verifica abaixo:

Passo a noite, até a madrugada, lendo o primeiro volume do “Diário”, de Lúcio Cardoso (1949-1951). E quando termino a leitura e consigo dormir, o livro não me abandona, sonho com ele, vejo Lúcio desesperado na praia, às voltas com câmeras de cinema e com seu drama interior. Livro dramático e doloroso, livro terrível. Encontro Lúcio Cardoso, dias depois, numa livraria, em Copacabana, autografando seu livro. A livraria está cheia, é uma espécie de triunfo, de consagração do escritor. Lúcio, sentado ante a mesa, assinando, parece-me um pouco perdido entre tanta gente, tanto ruído, tantos abraços. Como um naufrago envolto numa tempestade. Demoro-me um pouco a espíá-lo, ele não sabe direito o que fazer, é a negação de tudo isso, desse ruidoso lançamento. Seu livro também, esse livro de alma despedaçada, de busca sem remédio, de homem afogando-se mas lutando contra as ondas.⁷

⁵ BANDEIRA, 3 dez. 1960.

⁶ AMADO, dez. 1960.

⁷ AMADO, dez. 1960.

Os dilemas e sofrimentos evidenciados por Lúcio em suas confissões, no entanto, não parecem haver encontrado eco no espírito do grande público. Assim, a despeito do “ruidoso lançamento” testemunhado por Jorge Amado, da entrevista concedida a Fausto Cunha, que tantos comentários deve ter provocado naquele momento, e da expectativa dos editores de que o *Diário* tivesse uma ótima vendagem, o livro não conheceu outra edição em vida do autor. Embora tenha tido uma boa recepção crítica – também Alceu Amoroso Lima, Hildon Rocha, Octavio de Faria e Alcântara Silveira, entre outros, escreveram sobre ele –, seu conteúdo voltaria a ser publicado somente no ano de 1970, incorporado ao volume do *Diário completo*, de que se tratará em seguida.

Os originais do *Diário* no Arquivo Lúcio Cardoso e a publicação do *Diário completo*

No Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, depositária do Arquivo Lúcio Cardoso, acham-se reunidos e catalogados originais do romancista, sua correspondência, documentos pessoais e iconográficos, recortes de jornal sobre sua obra, entre outros. Entre os documentos de natureza diversa, existe um contrato de três folhas firmado por Maria Helena Cardoso e a editora José Olympio, representada por Daniel Joaquim Pereira e seu sobrinho Geraldo Jordão Pereira, para a publicação do *Diário completo*.

Em 7 de dezembro de 1962, Lúcio Cardoso sofrera um acidente vascular cerebral, que o tornara hemiplégico e comprometera gravemente sua capacidade de fala. Recuperado apenas parcialmente, passara a residir a partir de então com a irmã Maria Helena até sua morte em 24 de setembro de 1968, em decorrência de complicações causadas por um segundo derrame. Depois do lançamento do *Diário I* em 1960, ele não dera a lume mais nenhum livro e, a partir de 1963, impossibilitado de dar continuidade à sua obra literária, passara a se dedicar à pintura e ao desenho. Nesse mesmo ano de 1963, saíra a segunda edição da *Crônica da casa assassinada*, não mais pela José Olympio e, sim, pela Letras e Artes, e, em 1968, pouco antes da morte do ficcionista, a Editorial Bruguera pusera à venda, em formato de livro de bolso, a terceira edição do romance.

O primeiro volume do *Diário* apresentara as anotações de Lúcio referentes ao período de 14 de agosto de 1949 (dia em que completava 37

anos) a 17 de março de 1951. Havia restado entre os seus papéis cadernos e textos datilografados com anotações inéditas e datadas de março de 1951 a outubro de 1962.⁸

Após o falecimento do irmão, Maria Helena Cardoso, na qualidade de legatária dos direitos de sua obra, dedicou-se a procurar interessados em publicar um novo volume do *Diário*, que abarcasse a totalidade dos apontamentos existentes. Fechado o acordo com a José Olympio, foi assinado um contrato entre as duas partes, não-datado, que teve como testemunhas, entre outros, Rachel de Queiroz, Paulo Rónai e Luís Jardim. Nele estabelecia-se, entre outras cláusulas e condições, que caberia à Maria Helena a entrega dos originais e que ficaria “a cargo exclusivo da EDITORA tudo que diz respeito ao aspecto material da OBRA, sua confecção, papel, formato, capa, feição gráfica, tiragem, preço, modo de venda e propaganda, e distribuição.”⁹

Com o esmero e o cuidado que eram peculiares ao trabalho realizado na Casa, a José Olympio preparou uma bela edição para o *Diário completo* em convênio com o Instituto Nacional do Livro, lançou um volume ilustrado, com várias fotos de Lúcio Cardoso, sozinho ou acompanhado de outras pessoas (sua mãe, irmãos, amigos ou escritores), e com fac-símiles de trechos de manuscritos e até de sua certidão de batismo. Trazia, ainda, uma “Nota” com os dados biobibliográficos do romancista, a reprodução de um poema de Carlos Drummond de Andrade a ele dedicado e a transcrição de pequenos fragmentos extraídos de textos críticos a seu respeito. A capa e contracapa haviam sido compostas tendo por base duas diferentes fotografias

⁸ Em verdade, é importante esclarecer que também se encontra catalogado no Arquivo um outro conjunto de originais sob o título de *Diário*: formado de 150 folhas datilografadas no reto e com algumas correções manuscritas feitas a caneta pelo próprio Lúcio, esse material parece ter sido organizado por ele com vistas a uma possível publicação. Abrange o período de novembro de 1942 a novembro de 1947 e difere bastante do *Diário* aqui analisado por não possuir nenhum caráter confessional. É uma espécie de “diário de leituras” do autor, um registro das suas impressões sobre romances, vários livros da Bíblia e sobre textos de Freud e Nietzsche.

⁹ CONTRATO entre a Livraria José Olympio Editora S.A. e Maria Helena Cardoso para a publicação do *Diário completo* de LC. Rio de Janeiro, s.d. 3 fls. Disponível para consulta no Arquivo Lúcio Cardoso da Fundação Casa de Rui Barbosa.

de Lúcio e o livro continha, por fim, uma relação com todos os seus títulos e na qual figurava, equivocadamente, o ano de 1961 como relativo à publicação do *Diário I*.¹⁰ Constituído de 306 páginas, além de 24 outras iniciais, parte delas numeradas em algarismos romanos, o *Diário completo* ficou assim dividido:

Diário I – 14 de agosto de 1949 a 17 de março de 1951 – p. 3-170;

Diário II – 12 de maio de 1952 a 17 de outubro de 1962 – p. 171-304.

Sendo obra de publicação póstuma, era de esperar que exibisse o nome do responsável pela sua organização. O dado, entretanto, foi omitido do volume, ao contrário do que se passou com todos os demais livros de Lúcio editados postumamente.

O romance *O viajante*, lançado em 1973, pela José Olympio, e os *Poemas inéditos*, em 1982, pela Nova Fronteira, foram organizados por Octavio de Faria, que recolheu e ordenou todo o material neles existente, assinando ainda a “Introdução”, que precede o texto do romance, e a “Nota editorial”, que acompanha a coletânea de poemas. Devemos a André Seffrin e a Antonio Arnoni Prado, por sua vez, a organização das outras obras do escritor mineiro lançadas recentemente, que encerram originais até então parcialmente inéditos: *Inácio, O enfeitado e Baltazar*, em 2002, pela Civilização Brasileira, e o *Teatro reunido*, em 2006, pela Editora UFPR.

Não se sabe a quem coube a tarefa de ordenar e preparar os fragmentos do *Diário* para sua inserção no *Diário completo*. Mario Carelli assegura em *Corcel de fogo* que o livro teria sido editado “graças aos bons cuidados de Walmir Ayala.”¹¹ As pesquisadoras Rosângela Florido Rangel e Eliane Vasconcellos Leitão, por seu turno, encarregadas da catalogação do Arquivo do autor na Fundação Casa de Rui Barbosa, informam no texto introdutório ao *Inventário do arquivo Lúcio Cardoso* que teria sido Octavio de Faria o responsável por tal missão.¹²

¹⁰ Como, por um lapso, a editora Elos não fizera constar no *Diário* o ano de sua publicação, a José Olympio adotou 1961 na relação de títulos citada, erro que acabou se perpetuando em tantos estudos e ensaios.

¹¹ CARELLI, 1988, p. 112.

¹² FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 1989, p. 14.

Se não há como confirmar ou negar a participação de Walmir Ayala na preparação dos originais do *Diário completo*, é possível descartar, em contrapartida, a hipótese de que o criador da *Tragédia burguesa* tenha sido o seu organizador. Ao que tudo indica, Octavio teria se limitado a emitir algumas considerações sobre a seleção de trechos a serem incorporados no volume, como mostra uma carta por ele escrita e datada de 13 de abril de 1967.

Entre os originais do *Diário* que subsistiram no Arquivo,¹³ encontram-se, além do conjunto de textos já citado na nota 8, de folhas avulsas e de alguns cadernos de manuscritos dos quais ainda tratarei nesse ensaio, duas pastas com textos datilografados. A segunda dessas pastas que menciono é formada por cópias, na maioria duplas e feitas por meio de papel-carbono, de todas as folhas que constituem o material da primeira.

Essa guarda 145 folhas datilografadas no reto e numeradas e compreende, aparentemente, a primeira reunião dos fragmentos que iriam dar origem ao texto do *Diário completo*. Seu conteúdo deve ter sido totalmente copiado dos cadernos e dos eventuais datiloscritos que, até aquele momento, haviam restado do *Diário* de Lúcio, visto que, em meio a anotações inéditas, figuram uma série de outras que já haviam integrado o primeiro volume do *Diário* publicado em 1960.

O texto parece ter sido revisado por mais de um leitor. Correções de erros de datilografia, bem como de ortografia, acentuação, pontuação, concordância e regência, foram feitas, a lápis e a caneta, em todas suas folhas. À margem, foram assinalados também, através das indicações “repetição” e “já publicado”, todos os segmentos que supostamente teriam sido incluídos no livro lançado anteriormente. Cabe ressaltar, por fim, que os números originalmente existentes nas primeiras 65 páginas foram rasurados e substituídos por outros, em tinta vermelha, respeitando-se apenas a partir da p. 66 a numeração que havia sido datilografada inicialmente.

No início de 1967, momento em que Lúcio Cardoso ainda estava vivo, esse material foi encaminhado a Octavio de Faria para que expressasse sua opinião a respeito. No mês de abril, Octavio o devolveria, acompanhado da carta aqui referida, na qual tecia comentários, recomendava supressões e apontava a necessidade de algum esclarecimento adicional nas passagens que

¹³ LC 13 pi: DIÁRIO. Rio de Janeiro, 1957. 660 fls. + 241 fls. – cópia. Anexo: cadernos-diários e notas esparsas. Disponível para consulta no Arquivo Lúcio Cardoso.

julgara obscuras. Fiel ao amigo de tantos anos, não hesitava em destacar a importância da obra, recomendando a sua pronta publicação:

Meu caro Lúcio,

Achei o seu “Diário”, conforme Helena deve ter contado a você, ótimo, ainda mais interessante que o anterior. Urge publicá-lo. Lulu me disse que você gostaria que eu desse alguns “palpites”. Aí vão, com toda sinceridade. Nem de outra forma eles teriam qualquer interesse para você.

Ao que me parece, o novo volume (2º) deve começar à pag. 39 do manuscrito datilografado (aliás, datilografado com bastantes falhas, principalmente nas 10 ou 12 páginas finais, onde há várias frases que ficaram quase sem sentido) no local em que se lê: “Maio 1951”. A não ser que você queira editar uma espécie de “Diário Completo”, repetindo (ainda que resumidamente) passagens do volume já publicado. (Este vai de agosto de 1949 a 17 de março de 1951.)

Seguem-se algumas observações ligeiras, feitas ao sabor da leitura – e a confrontar com o texto original (Nada assinalai no texto datilografado, de modo que você possa “resolver”, antes.)¹⁴

Além de reforçar a idéia de que os apontamentos transcritos nessas folhas, fossem eles inéditos ou não, haviam sido reproduzidos dos originais do *Diário*, a carta de Octavio evidencia outros fatos. Observa-se, em primeiro lugar, que a decisão de editar o *Diário completo* deve ter sido tomada pelo próprio Lúcio, tendo Maria Helena Cardoso, após sua morte, dado prosseguimento a uma iniciativa sua. Diante das dúvidas expressas por Octavio de Faria sobre as marcas no texto, é possível concluir, também, que mais de uma pessoa teria proposto correções e opinado sobre a manutenção ou não de determinados fragmentos na versão datilografada:

p. 43 (fim) – A propósito da peça de Nélson Rodrigues. Quem fez as marcações à tinta, e quem, a lápis? O que é que vale? É o sim (isto é, conserve-se) ou o não (exclua-se)? Eu opinaria pela exclusão. Inclusive porque, não havendo indicação do nome da peça, o “É claro,

¹⁴ Carta de Octavio de Faria a Lúcio Cardoso. Teresópolis, 13 abr. 1967. 4 fls. Disponível para consulta no Arquivo Lúcio Cardoso. A Lulu mencionada acima chamava-se Heloísa de Faria, era irmã de Octavio e amiga de Maria Helena.

execrável” atinge **todo o teatro** do Néelson. Teria sido essa sua real intenção? Nesse caso...

p. 46 – dia 15 – Várias vezes, no texto, aparecem comentários escritos a lápis com os dizeres: “repetição”. Creio que são repetições, mais ou menos, de opiniões emitidas em volume já publicado. Não? Seria preciso, então, confrontá-las com as do dito volume. E decidir pela supressão, às vezes – Outras, não.

(...)

p. 97 – trecho riscado a lápis – Afinal, você resolveu que fique ou não? Quem riscou? Quem escreveu “deve permanecer”? Pessoalmente, voto pelo “não permanecer”... ¹⁵

Se interessa discutir quem teria participado da escolha e ordenação dos trechos compreendidos nessas folhas, quem teria se envolvido na publicação do *Diário completo* e, em última instância, a quem teria sido atribuída a responsabilidade principal de organizá-lo, isso ocorre devido às muitas falhas que o prejudicam.

A comparação dos manuscritos subsistentes do *Diário*, depositados no Arquivo do escritor, com o conteúdo da segunda parte do livro – aquela que abarca o período de maio de 1952 a outubro de 1962 – demonstra a existência de problemas de natureza variada. Há muitos fragmentos na obra cujas datas não correspondem às aquelas presentes nos manuscritos; há apontamentos de dias diferentes, que, transformados em um único, ganharam uma terceira data; há, também, trechos que ainda permanecem inéditos, provavelmente por integrarem folhas avulsas e um caderno, que, na época da publicação do volume, estavam temporariamente desaparecidos.

Merece ainda ser sublinhado que parte das incorreções do *Diário completo* teve sua origem no material datilografado aqui em análise, o que me leva a acreditar que esse seja a sua primeira versão. Os fragmentos que constam das páginas 8, 9 e 10 (numeradas inicialmente como 30, 31 e 32), e que se referem a anotações do manuscrito datadas de 17 de agosto, 23 de setembro e 29 de outubro de 1951, repetem-se de forma um pouco modificada nas páginas 48, 49 e 54 (numeradas inicialmente como 50, 51 e 56). Quando o texto foi revisado, optou-se por não reproduzir justamente

¹⁵ Carta de Octavio de Faria a Lúcio Cardoso. Teresópolis, 13 abr. 1967. 4 fls.

os fragmentos das p. 48, 49 e 54, que traziam as datas corretas. À margem, lê-se a abreviação “rep.”, que evidencia o que causou a exclusão.

Um apontamento sobre a *Crônica da casa assassinada* de 14 de novembro de 1955, integrante das folhas esparsas que subsistiram do *Diário*, foi equivocadamente somado a um trecho de um apontamento de 18 de outubro de 1954 já no texto datilografado, passando ambos a exibir aí, portanto, a mesma forma que juntos assumiriam no *Diário completo*, em que figuram como sendo do dia 14 de janeiro de 1953. Quase todas as anotações que, na obra, referem-se a esse ano, o de 1953, também já aparecem nas folhas datilografadas juntas e na mesma seqüência em que seriam editadas posteriormente, muito embora sejam, de fato, de anos distintos. Um dos cinco fragmentos que datam de 13 de novembro de 1955 também foi apresentado como sendo de 17 de outubro de 1960 já nessa versão.

O cotejo entre os cadernos manuscritos, as folhas datilografadas e o livro revela, também, que erros de transcrição cometidos nas folhas foram incorporados ao texto publicado. É o caso, por exemplo, de um trecho relativo ao dia 24 de junho de 1957:

Amar, a cada momento me parece mais difícil. **Sondo** a mim mesmo **com** inquietação, **perguntando** se não é a possibilidade do amor que morreu em minha natureza. Sinto-me seco e sem raízes na vida. Por dentro de mim, como uma árvore única, estende-se a ramaria desta obra que tenho de escrever. Mas é uma coisa exterior a mim, uma fatalidade que não me absorve. Longos momentos vago a esmo, revendo **a face** dos seres que amei, países que habitei com tanta insistência, e que ficaram longe, separados de mim. Sinto-me como um exilado, e as terras que se aproximam, longe de me causar alegria, aparecem-me turvas, e não há mais segredo para mim neste contato, mas desconfiança e medo.¹⁶

Nas páginas 69 do texto datilografado e 218 do livro, as três primeiras palavras destacadas em negrito no fragmento acima converteram-se em “**Sendo** a mim mesmo **uma** inquietação, **pergunta**”, o que, convenhamos, altera consideravelmente o sentido do que o autor pretendeu exprimir, ao passo que “**a face** dos seres” transformou-se em “**as faces** dos seres”.

¹⁶ Manuscritos do *Diário*, disponíveis para consulta no Arquivo Lúcio Cardoso da Fundação Casa de Rui Barbosa. Fragmento reproduzido com erros na p. 218 do *Diário completo*.

Se a desatenção e a negligência explicam parte dos equívocos assinalados acima, somente elas não respondem por todos os outros erros do *Diário completo*, como a modificação de datas no fragmento sobre a *Crônica da casa assassinada* já deve ter podido indicar.

Em verdade, terminado o exame dos manuscritos do *Diário* que restaram no Arquivo Lúcio Cardoso,¹⁷ o leitor comprova, surpreso, que houve um propósito consciente de adulteração de datas na obra editada pela José Olympio e, mais, que ela não é, em absoluto, uma fonte fidedigna para o estudo da vida e da produção do romancista mineiro.

Todas as anotações que se referem aos anos de 1952, 1953, 1954 e 1955, bem como algumas poucas que dizem respeito aos anos de 1956, 1957, 1958 e 1960, não foram efetivamente escritas por Lúcio Cardoso nos dias em que constam no livro. Nesse, 1951 dá origem a todo o ano de 1954, com exceção de três observações que fecham o mês de dezembro e não se encontram nos manuscritos, e a quase todo o ano de 1952. Trechos desse último ano, em compensação, foram deslocados para 1955, que contou também com fragmentos de 1949, 1950, 1954 e 1956. As únicas anotações referentes ao ano de 1953, por sua vez, não foram incluídas na obra, que apresenta nesse ano fragmentos de outubro de 1954, novembro de 1955, dezembro de 1951 e de junho de 1950. Três apontamentos de 13 de novembro de 1955 foram reproduzidos com a data de 13 de janeiro de 1956 e um outro, de 17 de outubro de 1960; uma nota de 20 de outubro de 1956 foi publicada como sendo de 21 de setembro desse mesmo ano; há um trecho sem data, editado depois do dia 30 de setembro de 1957, que não integra os manuscritos e existem três fragmentos de 4 de setembro de 1958 que figuram, no entanto, como não-datados.

¹⁷ Esses são compostos de uma caderneta, de cinco cadernos e de folhas avulsas correspondentes aos seguintes períodos:

Caderneta: de 7 de junho de 1950 a 3 de dezembro de 1950;

1º Caderno: de 20 dezembro de 1950 a 21 junho de 1951;

2º Caderno: de 17 agosto de 1951 a 5 setembro de 1952;

3º Caderno: de 6 setembro de 1952 a 9 dezembro de 1952;

4º Caderno: de 2 abril de 1957 a 9 julho de 1961;

5º Caderno: de 1 agosto de 1961 a 24 agosto de 1961;

Folhas avulsas: trechos datados de janeiro de 1953, outubro de 1954, novembro de 1955 e fevereiro, maio, setembro e outubro de 1956, além de alguns outros sem data.

Surtem na obra, por fim, em meio às anotações desses anos, algumas outras que já haviam integrado o *Diário I*, publicado em 1960, o que demonstra que a sugestão dada por Octavio de Faria para que se estabelecesse uma comparação entre esse volume e o texto datilografado não foi capaz de assegurar a inexistência de repetições no *Diário completo*. O resultado é que trechos dos anos de 1949 a 1951 reaparecem, com datas diferentes, na parte relativa a 1952-1962, como pode ser confirmado pela leitura das páginas relacionadas abaixo:

Diário I	Diário II
página(s)	página(s)
22	272-273
42	208
89	184
90-91	204
93	184-185

Não há como precisar o que teria motivado a adulteração das datas dos fragmentos do *Diário*. Sabe-se que os escritos de Lúcio Cardoso não estavam organizados na época em que sofreu o derrame, fato que provocou até a inclusão involuntária de três poemas do amigo Emil de Castro no seu livro póstumo *Poemas inéditos*. Em carta a esse escritor, reproduzida por Ésio Macedo Ribeiro em sua dissertação de Mestrado, Maria Helena Cardoso desculpa-se pelo engano cometido no volume de poesia do irmão, fazendo referência à confusão em que os seus papéis se achavam e esclarecendo ainda que, no meio desses, havia muitos textos datilografados sem a devida identificação do autor:

Só agora posso explicar-lhe o que ocorreu: quando meu irmão voltou do hospital, veio diretamente para minha casa, sendo então alojado no quarto em que até então morava Walmir Ayala, que residia conosco. Este, por sua vez, transferiu-se provisoriamente, para o apartamento do Lúcio, vizinho ao meu, completamente mobiliado e com tudo que lhe pertencia. Por algum tempo a situação continuou como estava, até que, sabendo pelo médico que meu irmão não mais poderia viver só, encarreguei alguém de trazer para minha casa toda a papelada de Lúcio, que ele reclamava, guardada numa velha arca. O encarregado da incumbência, não me lembro mais quem, foi à residência do Walmir, ex do Lúcio, retirando todo o conteúdo da arca que trouxe dentro de um lençol amarrado como uma trouxa de roupa,

me entregando. Posteriormente, a arca também foi removida vazia para meu apartamento. Imagine a misturada, a confusão da papelada, escritos, jornais, que assim permaneceram por muitos anos, pois era trabalho para uma pessoa que tivesse experiência do assunto. Anos passados quando Octavio [de] Faria começou a pedir pelos jornais qualquer poema do Lúcio a quem os tivesse, solicitou também que eu entregasse a ele tudo que estivesse em meu poder. Com muita dificuldade, catei tudo que estava datilografado e sem nome, retirando apenas alguns originais até mesmo de livros, escritos à mão, julgando que os à máquina pertencessem a Nonô. Entreguei-os a Octavio, que fez a escolha, os originais sendo posteriormente doados à Casa de Rui Barbosa que, a meu pedido, está fazendo uma busca rigorosa para ver se encontra alguma outra coisa que não seja de autoria dele.¹⁸

Se o relato de Maria Helena permite supor que originais do ficcionista teriam se extraviado antes de serem recebidos e catalogados no Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa, ele é igualmente representativo das dificuldades e desafios enfrentados pelos organizadores dos livros de Lúcio editados postumamente. Nem por isso a complexidade da tarefa justifica a atitude condenável adotada para com os manuscritos do *Diário*, contudo. Os cadernos examinados no Arquivo não deixam dúvidas sobre a intenção de alterar as datas de parte dos apontamentos, eliminando por completo a hipótese de falha não-deliberada.

Ora, se houve deliberação, se houve intenção, se houve propósito determinando a modificação das datas, esses devem ter sido precedidos pela perda de uma parcela dos originais do *Diário*. Considerando que as incorreções e falhas do *Diário completo* praticamente desaparecem a partir de 1957 e, ainda, que não restaram cadernos relativos aos anos de 1953, 1954, 1955 e 1956, é possível presumir que o organizador do livro editado pela José Olympio teria decidido reordenar os fragmentos dos cadernos subsistentes de forma a “preencher as lacunas”, por assim dizer. Para tanto, lançou mão do abundante material que o escritor havia produzido em anos anteriores, tendo se valido até de apontamentos anteriores a 17 de março de 1951, que ele havia decidido não incluir no primeiro volume do *Diário*.

¹⁸ RIBEIRO, 2001, p. 174-175.

O fato de as anotações do terceiro caderno, que compreende o período de 6 de setembro a 9 de dezembro de 1952, permanecerem até hoje inéditas reforça, também, a idéia de uma certa negligência no manuseio e guarda dos originais de Lúcio Cardoso antes de sua doação ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Tal caderno provavelmente devia estar desaparecido na época da publicação do *Diário completo* e, tendo sido reencontrado depois disso, pôde ser encaminhado ao Arquivo, sem ter seu conteúdo incorporado à obra, obviamente. Percorreu, assim, uma trajetória inversa à do último caderno em que o romancista registrou suas anotações, do qual só se tem notícia, hoje, por um texto de Marcos Konder Reis:

Meu caro Wilson: você me pediu, para este suplemento, que lhe mandasse alguma coisa sobre Lúcio Cardoso; de preferência, sobre o seu *Diário*. Acontece que já escrevi, mais de uma vez, sobre Lúcio, e já tentei dizer, desse *Diário* de fogo, o que me faz considerá-lo, não apenas o melhor, mas o mais importante dos diários publicados no Brasil. Hoje, não me sinto capaz de voltar ao tema, do jeito que, por ventura, você deseja. Vou, por isso, limitar-me a um caderno, um daqueles pequenos cadernos que tivemos um dia, como alunos do primário, em nossas mãos de meninos. Era um caderno de capa cor-de-rosa e pálida, onde Lúcio escreveu, de 29 de julho a 17 de outubro de 1962. Em abril, se não me engano, ele tivera uma pequena paralisia facial, que soara aos médicos como um grito de alerta, e a ele, como as batidas de seus próprios passos a caminho do derrame cerebral, que haveria de o derrubar no começo de dezembro. Em julho, liberado de um repouso mais completo, decidira, a conselho de médicos, familiares e amigos, passar um mês em Minas, a fim de restabelecer-se. De volta, e já no fim de outubro, me pediu que lesse o que havia escrito naqueles dias de viagem, de vida no interior e de volta ao Rio, e que lhe desse minha opinião. Quando lhe disse, no final da leitura, entusiasmado, que, a meu ver, naquele caderno, ele havia escrito uma das coisas mais belas e mais fortes de toda a sua obra, me pareceu surpreso. No entanto, é possível que, no fundo, ele soubesse disso e me desse razão. Nem ele, nem eu, talvez, desconfiássemos de que o caderno, aquele seria o derradeiro: que, depois dele, a não ser trechos de novelas, que deixou por terminar, e trechos de *O viajante*, que também nos legaria inacabado, só escreveu as respostas a uma

entrevista publicada no *Correio da Manhã*, de 20 de outubro de 1962, como seu derradeiro recado antes de emudecer.¹⁹

À guisa de conclusão

Tido até hoje como uma fonte fidedigna para o estudo da obra de Lúcio Cardoso, o *Diário completo* é citado em inúmeros ensaios, artigos, teses e livros sobre ele. A sua leitura deveria desvendar não apenas a interioridade do autor, por meio das anotações de cunho mais pessoal, como também suas concepções sobre literatura, política, religião e os temas mais diversos. O volume poderia se constituir, ainda, em um documento valioso para o conhecimento de sua atividade literária, fornecendo elementos importantes sobretudo acerca da elaboração de seus romances e novelas.

Tal como foi organizado, no entanto, o livro se presta a uma série de falsas conclusões. Os exemplos de equívocos originados dos seus erros, disseminados nos estudos de vários pesquisadores, seriam muitos, caso se desejasse realizar, aqui, uma espécie de inventário.²⁰ Sem pretender fazê-lo, enfatizo somente que a análise dos manuscritos do *Diário* se mostra imprescindível para o correto entendimento de como se deu o processo de composição dos romances e novelas iniciados por Lúcio a partir de 1951.

Através dela, comprova-se, por exemplo, que ele não teria trabalhado de forma alternada na redação da *Crônica da casa assassinada* e de *O viajante*. Como consequência das alterações de datas no *Diário completo*, decorre obrigatoriamente a impressão de que o seu interesse por esses dois romances teria oscilado durante os anos, tendo, por isso, se dedicado ora à escrita de um, ora à de outro, o que não corresponde à verdade. Ao que tudo indica, o escritor abandonou o projeto de *O viajante* no começo de 1952 e, meses mais tarde, lançou-se à execução da *Crônica*, de cuja formulação não desistiu enquanto não a viu terminada.

Um dado como esse demonstra que urge preparar uma nova edição do *Diário completo*, que não apenas retifique os seus muitos erros, mas que ainda acrescente os vários apontamentos que continuam inéditos. Lúcio, sua obra, seus leitores e pesquisadores, todos nós, enfim, ganharíamos muito com isso.

¹⁹ REIS, 20 out. 1973.

²⁰ Equívocos dos quais eu própria não escapei em alguns de meus textos, convém assinalar.

Referências Bibliográficas

- AMADO, Jorge. Página de diário sobre um Diário. *Leitura*, Rio de Janeiro, n. 42, p. 10, dez. 1960.
- AYALA, Walmir. Diário: Lúcio Cardoso – a véspera do livro. *Jornal do Brasil. Suplemento dominical*, Rio de Janeiro, 10 set. 1960.
- BANDEIRA, Manuel. Lúcio Cardoso. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 dez. 1960. (Publicado, também, na p. 768 da edição crítica da *Crônica da casa assassinada* e em *Andorinha, andorinha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966, p. 231-232, sob o título “Diário de romancista”.)
- CARDOSO, Lúcio. *Diário I*. Rio de Janeiro: Elos, [1960].
- _____. *Diário completo*. Rio de Janeiro : José Olympio/INL, 1970.
- _____. Lúcio Cardoso (patético): “Ergo meu livro como um punhal contra Minas”. *Jornal do Brasil. Caderno B*, Rio de Janeiro, 25 nov. 1960. Entrevista concedida a [Fausto Cunha]. (Publicada equivocadamente como inédita e sem reproduzir as questões e os comentários feitos pelo entrevistador em *Ficção*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 71-72, fev. 1976.)
- CARELLI, Mario. *Corcel de fogo: vida e obra de Lúcio Cardoso (1912-1968)*. Rio de Janeiro : Guanabara, 1988.
- CONDÉ, José. Lúcio Cardoso responde e ataca. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 abr. 1959.
- FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Inventário do arquivo Lúcio Cardoso*. Org. de Rosângela Florido Rangel e Eliane Vasconcellos Leitão. Rio de Janeiro, 1989. 120 p. (CLB, 4.)
- MEIRA, Mauritônio. Diários íntimos de Lúcio Cardoso serão publicados finalmente: pela Simões. *Jornal do Brasil. Caderno B*, Rio de Janeiro, 31 maio 1960.
- MONTENEGRO, Olívio. Um romance imoral. *Diário de Pernambuco*, Recife, 26 abr. 1959. (Republicado em *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 17 maio 1959.)
- REIS, Marcos Konder. Carta a Lúcio Cardoso. *Minas Gerais – suplemento literário*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968.
- _____. Lembrança de um caderno. *Tribuna da Imprensa. Tribuna Literária*, Rio de Janeiro, 20 out. 1973.

RIBEIRO, Ésio Macedo. *O riso escuro ou o pavão de luto: um percurso pela poesia de Lúcio Cardoso*. São Paulo, 2001. 285 p. Dissertação (Mestrado em Letras – Teoria Literária e Literatura Comparada), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Outros textos citados, consultados no Arquivo Lúcio Cardoso na Fundação Casa de Rui Barbosa

CARTA de Octavio de Faria a Lúcio Cardoso. Teresópolis, 13 abr. 1967. 4 fls.

CONTRATO entre a Livraria José Olympio Editora S.A. e Maria Helena Cardoso para a publicação do *Diário completo* de LC. Rio de Janeiro, s.d. 3 fls.

MANUSCRITOS e datiloscritos do *Diário*.

Resenhas e textos sobre a *Crônica da casa assassinada* (em ordem cronológica)

OLINTO, Antônio. Crônica da casa assassinada. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 abr. 1959. (Republicado em *A verdade da ficção*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1966, p. 149-152.)

PIRES, Herculano. Crônica da casa assassinada. *Diário da Noite*, São Paulo, 25 abr. 1959.

ADONIAS FILHO. Crônica da casa assassinada. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1959.

MONTENEGRO, Olívio. Um romance imoral. *Diário de Pernambuco*, Recife, 26 abr. 1959. (Republicado em *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 17 maio 1959.)

CONDÉ, José. Lúcio Cardoso responde e ataca. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 abr. 1959.

CRUZ, Luiz Santa. Romance demonológico. *Leitura*, Rio de Janeiro, n. 22, abr. 1959.

ATHAYDE, José Constâncio Austregésilo de. Crônica da casa assassinada. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 29 maio 1959.

ROMANCE imoral. *Jornal do Brasil. Suplemento Dominical*, Rio de Janeiro, 30 maio 1959.

HECKER FILHO, Paulo. Uma proeza bem cumprida. *O Estado de S. Paulo. Suplemento Literário*, São Paulo, 30 maio 1959.

LINHARES, Temístocles. Outro Lúcio Cardoso. *O Estado de S. Paulo. Suplemento Literário*, São Paulo, 6 jun. 1959. (Republicado em *Diário de Notícias. Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1959.)

AYALA, Walmir. Crônica da casa assassinada: um romance imoral? *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 jun. 1959.

OLIVEIRA, José Carlos. Um romancista de Minas. *Jornal do Brasil. Suplemento Dominical*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1959.

AYALA, Walmir. Crônica da casa assassinada: um romance imoral? (II). *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1959.

OLIVEIRA, José Carlos. O labirinto. *Jornal do Brasil. Suplemento Dominical*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1959.

OLIVEIRA, José Carlos. Mentira e verdade. *Jornal do Brasil. Suplemento Dominical*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1959.

LEITE, José Roberto Teixeira. O novo livro de Lúcio Cardoso. *Jornal de Letras*. Rio de Janeiro, ano XI, n. 119, p. 13, jun. 1959. (Republicado em *Anuário da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 1960.)

OLIVEIRA, José Carlos. Mentira e verdade (conclusão). *Jornal do Brasil. Suplemento Dominical*, Rio de Janeiro, 4 jul. 1959.

LITRENTO, Oliveiros. O abismo da carne. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 120, jul./ago. 1959.

MARTINS, Wilson. Um romance brasileiro. *O Estado de S. Paulo. Suplemento Literário*, São Paulo, 1 ago. 1959.

GERSEN, Bernard. Tempo e técnica romanesca. *Diário de Notícias. Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1959. (Republicado com cortes em *O Estado de S. Paulo. Suplemento Literário*, São Paulo, 29 out. 1960.)

GOES, Carlos Augusto de. Romance epistolar. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1959.

SANTOS, Vitto. A casa assassinada. *Diário de Notícias. Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 16 ago. 1959.

LOUZADA FILHO. O tempo assassino. *O Estado de S. Paulo. Suplemento Literário*, São Paulo, 5 set. 1959.

AYALA, Walmir. Crônica da casa assassinada. *Jornal do Brasil. Suplemento Dominical*, Rio de Janeiro, 12 set. 1959.

Resumo

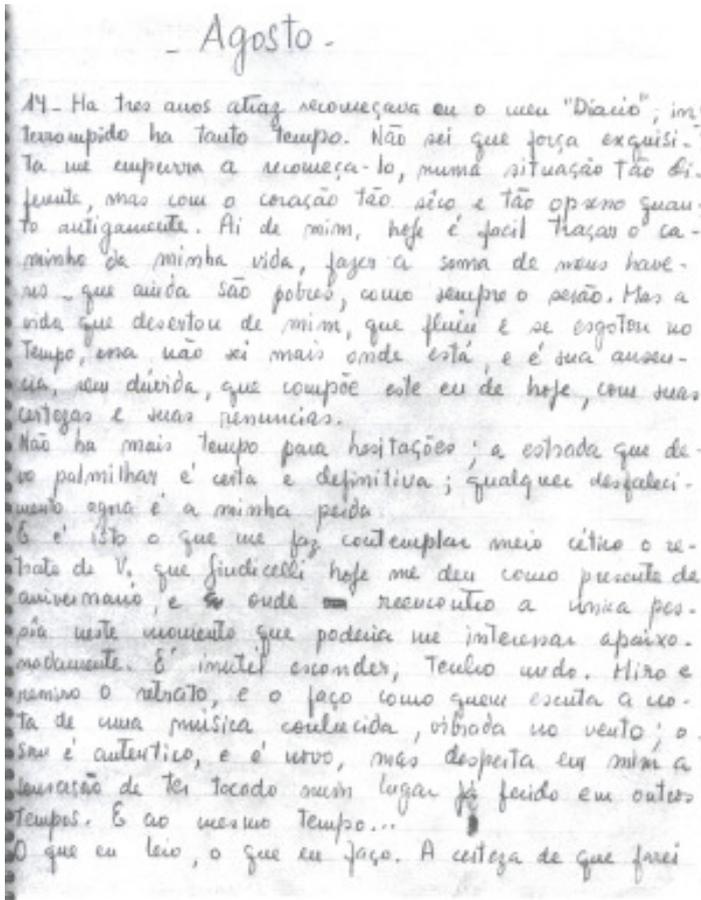
Autor de vários romances e novelas, dos quais o mais conhecido é a *Crônica da casa assassinada*, Lúcio Cardoso manteve durante anos um diário íntimo, cujo primeiro volume lançou no fim de 1960. Dois anos após a morte do escritor, em 1970, a José Olympio reuniu as anotações já editadas a outras inéditas, publicando-as sob o título de *Diário completo*. Adotado desde então como fonte fidedigna para o estudo da vida e da produção de Lúcio Cardoso, o livro se ressentia, porém, de graves falhas. O exame de parte de seus originais, depositados no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, demonstra que urge preparar uma nova edição da obra, que não apenas retifique seus muitos erros, mas que também acrescente os fragmentos do *Diário* que ainda seguem inéditos.

Abstract

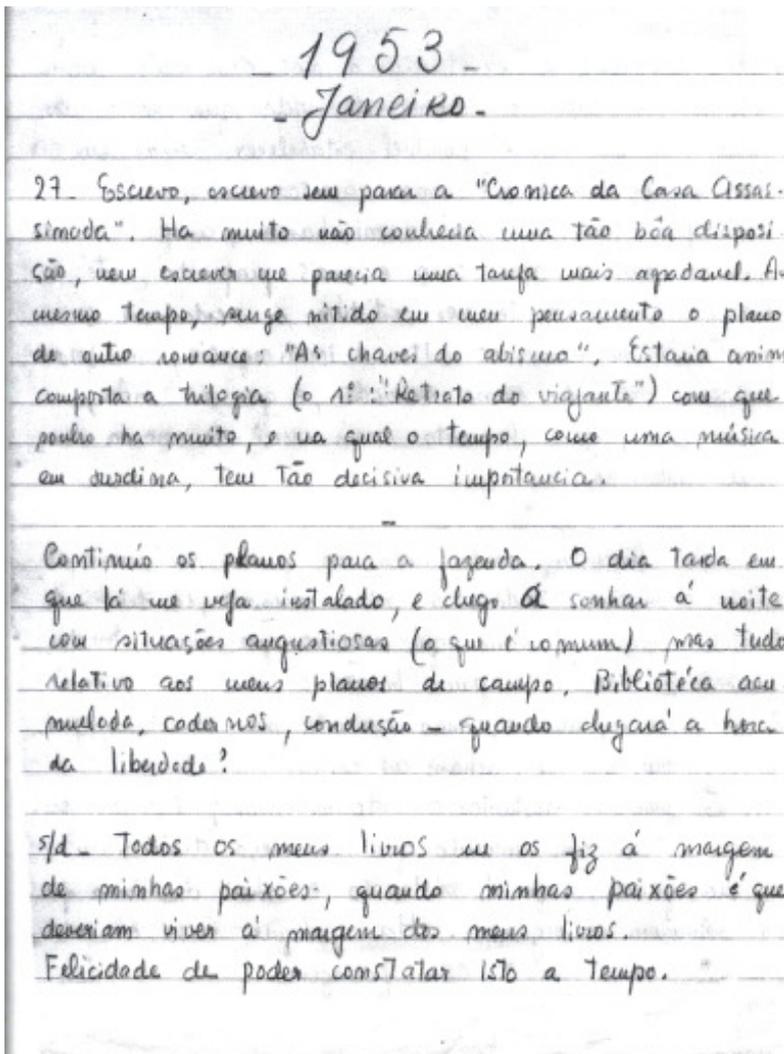
Writer of novels and short novels, the most famous being *Crônica da casa assassinada*, Lúcio Cardoso for years maintained a diary, the first volume of which was published in 1960. In 1970, two years after his death, his publishing house, José Olympio, collected what was supposed to be the *Diário completo*. The book, however, suffers from grave defects. Examination of the original manuscripts at the Arquivo-Museu de Literatura Brasileira of Fundação Casa de Rui Barbosa reveals the necessity of a new edition, not only to correct the various errors of the 1970 edition, but to add pieces that were left out at that time. Author of several novels and novels, of which the most known thing is the Chronicle of the murdered house, Pike Cardoso maintained during years an intimate diary, which first volume launched in the end of 1960. Two years after the death of the writer, in 1970, to José Olympio it joined the annotations already published to unpublished others, publishing them under the title of complete Diary. Adopted from that time like trustworthy fountain for the study of the life and of the production of Pike Cardoso, the book resents, however, serious faults. The examination of part of his originals, deposited in the Archive-museum of Brazilian Literature of the Foundation House of Collapse Barbosa, demonstrate what is urgent to prepare a new publication of the work, what you do not punish rectifies his many mistakes, but what it also adds the fragments of the Diary that are still still unpublished.

ANEXOS

Originais manuscritos do *Diário* de Lúcio Cardoso e páginas do *Diário completo*.



Com a substituição da palavra “anos” por “meses” e a data trocada para 14 de agosto de 1955, esse fragmento, que é de 14 de agosto de 1952, foi incluído nas páginas 204-205 do *Diário completo*.



Totalmente inéditos, esses apontamentos constam de uma das folhas avulsas que subsistiram do *Diário* do autor. O primeiro deles contém a primeira menção explícita à *Crônica da casa assassinada* nos originais existentes no Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

(Como em já sofro da minha futura velhice—como me dêji dia, quando consigo surgençã-la. E no entanto, quem sabe—á velhice talvez seja apenas paz e desconhecimento.)

10—Alguém, há tempos, sechou esquisito que eu afirmasse não ser um escritor, e sim uma atmosfera. Há dias em que me sinto um personagem, e não eu mesmo. Alguém está contando uma história em que sou um dos acessórios. Só me reconheço, só encontro de antiferamente a mim, a obstrução com que levo esse ser integrado a coexistir sódas as rampas do precipício.

11—Começo o domínio lendo *Oz Serrões*, de que só guardava uma contida lembrança, como leitura de adolescência. Surpreende-me que não encontre mais as famosas dificuldades que deparei na época—á linguagem me parece menos preciosa, e os problemas também diminuiram de tamanho. O que equivale a dizer que a leitura agora tornou-se mais agradável.

14—Nada escrevi ultimamente neste caderno, todo entregue à leitura de *Oz Serrões*. E confesso que, apesar de tropeçar aqui e ali no arcaicíssimo estilo de Euclides da Cunha, de sentir perfeitamente o envelhecimento de certos trechos, pela aplicação e estabamento de teorias caducas (Darwin, ec...), o livro parece-me conter uma intelectual grandiosa e assimir, em certos instantes, a altura variegada de uma epopéia. Não sei, não vejo no acerto de desse espírito que poderia ser o nosso, mas elementos diferentes e variados (o finalismo, a ignorância, etc.), entraram na composição de que tipo, expressando-lhe um caráter transitório, revelando individualmente traços de uma personalidade oculta e firme, mas com elementos fugitivos e parciais.

No em tudo, a influência de Euclides é silenciosa. Se apenas um possível tipo representativo, não comento entretanto por que cantei sobre condutas e ideias de uma futura civilização a que, segundo fim, estamos acudando. De resto e no fim do que de certo—seu livro acuta e se acuta, é a época da primeira República que trucidou homens ignorantes em vez de estudantinos até horizontes mais largos.

De há muito o nosso jornalismo se habituou a um gênero cujo sensacionalismo grama pela mais extrema grosseria; Euclides devia

ser o modelo de todos os que, para inquirir e prestar um depósito, e desojetem fãz-lo, porfina os impertinamente, se apontam em entos de benevolência e de justiça.

Ontem, almoço na penitenciária, em companhia de Jorge Lacerda. Encontramos no gabinete do diretor, o jornalista Francisco de Assis Barbosa que me apresentou o famoso bandido Carne-Seca. Durante alguns minutos del vazado a uma curiosidade sem limites. Carne-Seca parcou-me antes um mentio assustado, cheio de linguagens, ignorante e simples. De vez em quando, fita-nos com magníficos olhos verdes. Conta, de cabeça baixa, supplantante, várias ocorrências de sua vida. Percebe-se que sob o pelo, bon ou mau há um corpo extremamente vivo, que nem as prisões e nem os castigos fizeram adormecer ainda. Nada que limite formação ou esse ar melancólico de certos criminosos. Alguns confundem, não se dá de bravar—ou sintética que sei eu...—e mais do, que tudo, lo, porfina. Uma indagação potânea. E o que ele chama, finalmente, de "cabeça quente".

Retorno a Martin Chuzzlewit.

18—Intimamente afetado desde cedo—e de tudo o mais—com as novas perspectivas que se desviam e terminar *A Mulher de Loure*. Agora tudo se trata mais de validade. Trata-me encontro nebuloso graver em retrair as filmagens. Trata-me encontro o que já conseguem antretermente, e que me pesa bastante. Não ser ditado meu. Encontros, projetos das vezes há leituras fotografias—messa ronda de sempre, à espera de que a solução apareça. Desta vez, no entanto, tudo me parece mais fácil. Vejamos o que me reservam os dias futuros.

As manhas quedas, os mesmos tristes efeitos. Mas não é a situação em si que importa, e sim o esforço para atingi-la.

Discurso isto é o que se pode chamar de bom. E é o que nos convém, já que aquilo que convém aos outros deve nos convir também. Mas que podemos nós se não amamos isto, e o bom que o

Os trechos relativos aos dias 10 e 18 são de junho de 1950 e integram, como os demais, a primeira parte do *Diário completo*. Na página 204 do livro, reproduzida adiante, figuram com a data de 10 e 18 de junho de 1955.

estava ao alvô de uma espécie de, antes de parar, o quarto através um
 véu de névoa por dias vivos. Na segunda, como passava um
 porto, vi o mestre, distanciado, moçar um dolo. Está vivo—correu
 o vento acesa. Cheio de esperança andei em téras, mas não havia
 ninguém para consolar o fado. Como de quase todos os outros
 vivos, a luz ficou, suficiente, particular, deusa espécie de sonho.
 E que não tenhamos a memória da parva, a trizão das coisas
 hebreas. O fundamental, a realidade das faces que não podiam
 contar. Há quem se esqueça de que não é o de quem se esquece
 cada dia como outros esquece que não é o de quem se esquece.
 prazaz, que é uma suspensão, um direito de silêncio de quem se
 tem—é o único lado por onde se é “seguro”—mas a vida
 vinda de si mesma, e contrituzaz, o adido—tudo isto tem é de
 vido, é sagrado mesmo, pois que procuramos recuperar o caso de
 arábico, conatado ao lado de ser pelo império do kálio.
 Outros disse a Vito Puzazaz: “Não sei o que me impede de
 trabalhar, de concluir o meu romance. Nunca tive tanta ordem na
 vida.” E foi—é isto, precisamente, o que lhe falta: desordem.”
 Como se expuz: não é fado de outra natureza é feito de paz
 e de lamento. Uma paz de elementos desordenados—mas ainda
 assim uma paz.

Escrevo o maior Sãos Rosa na rua. Um pouco ofegantemente
 lido de distrações e sonhos. Ele responde, mas eu sinto que há
 uma rotina entre nós dois, Filizares do contra de mandos di-
 ferentes.

Não le a banda espalva pois vive a sua existência. O que
 vejo, o que sinto por estas ruas da Deus. Que foi que se acabou
 em tudo que não se reconstruí nada, que poder poró de me in-
 tencar pelo estado dos outros? Já vi tudo, e uma corvina é o que
 hebreira. Não há paróia, não há contraria em nada—mas um
 lado que representa o seu papel mais expresso do que os outros,
 e outro que representa, uma ideia o que há, bonito com o meu
 romance como se fosse incrível.

29—Lido e refico intrinsecamente Rolos, imaginando o plano
 de uma casahoso romance. Ah, não agora, sei leve, poder es-
 crever.... Um dia quem sabe....

30—Proposta e não meces como se pode conseguir um silêncio
 de vida, um propósito para o pensamento, que não se ocupa

que compoem os seus incluíveis rios. Ainda de pouco quanto
 seja o material, não há como fazer ali. Tudo o mais não inven-
 ções e fadas.
 Se o livro não é propriamente um romance, é mais do que isso.
 É a outra coisa a pagar, depois do romance esbarçado, é
 porque resolveu Guarnaz e forma de romance, quando não houve
 espontaneamente fado pelo livro. E não a história. Por que não
 a pura e simples autobiografia? O livro não é mais do que a vida
 imaginada e a realidade. Mas não é mais do que a vida
 imaginada e a realidade, além de participação acidental. E, em
 meio sua importância pelo caso prolongado e doloroso que ocorreu
 em vida.

Tornou-se José Paul e, finalmente, com adição, de bem que
 me lembrava se o livro não é um polidromo de acidez. Não
 pelo jeito das associações religiosas, mas por um tom qualquer
 fado na narrativa do pecado. Isto só me ocorreu no fim, após
 me verificado a importância do dráma nos últimos parágrafos—de
 me lembrado, longamente, que tudo o que se acha discriminado
 como a primeira vida de José Paul, se tem que muito próximo da
 realidade, tem uma vida qualquer de fatos ocorridos em confusão.

DEZEMBRO

28—Lido que livro não se interessa em definições unidas por aquelas
 que não se podem definir, mas que começam para perder o que
 se faz cada vez mais evidente: quando meço, participam de
 tudo, à medida que evolucionam nos capítulos e um terreno cada
 vez mais solitário, até o ápice, a definitiva solidão, que é a morte.

1953

JANEIRO

14—Durante a noite, insones, levantava e acendi mais um cap-
 tulo de Colézia. Volvia a dormir, um sono extremamente ap-
 lido. Sentiu como sempre e continuei. Houve um belo ruído que
 veio depois de um tempo para um livro que estava aberto. Vi, embora
 que não me acordasse, que não me acordasse. Vi, embora
 de lado cubra cubra, oscilando ao passo das crianças. Eu

não sei que espécie de defesas e mo reconhecimento íntimo, com todas as capacidades de trabalhar e de conversar ainda com o velho "tu" que lá tanto me acompanhava....

DEZEMBRO

3—Depois de uma longa pausa reconico a escrever neste caderno. As condições de minha vida são atualmente completamente diferentes. Para três, bem para três, ficou tudo o que tanto me absorveu, desde Itaipu. X é um nome completamente esquecido e eu trabalho sem descanso procurando recuperar tudo o que perdi nestes últimos tempos. Escrevo novamente *O Pajante*, uma versão que me agrada bem mais do que a primeira. E quando posso viajo, renovo-me à minha sede de paisagens; as cidades desfilam através de uma brecha. As vezes vou com um amigo, às vezes sozinho. A minha impressão é de ter estado longamente doente e ter agora regressado à saúde. Assim seja.

s/d—As vezes, quando os noites avançam para o seu ponto extremo, e a madrugada começa a escurtir, a tristeza em mim fica um certo agudizado, e sinto-me atraído através das grades, e me atiro para as apertadas, inutilidades dos muros.

Relaxo o cerviço sobre restos de veludo que compuseram flores vivivas e enquanto aquelas cêas se refocilam no fundo negro dos buracos, um outro cão enorme e duro, vigia de longe o pedilúvio trabalho.

Há uma horn em que a luz deor solitária à fimbria fria do horizonte; uma estrela ainda boilha.

A estrada do cemitério o coveto acende a sua lampada. Entro os ebes, umidos, esguiram-se de novo por entre as grades, a caminho de outra noite que ainda está por suceder.

Sobre a terra, rastream pedação huanitas que já de lá muito não significam nem sangue e nem voz.

Um sópo passa: e do sono, leais, as rosas erguem suas corolãs à luz inocente da manhã.

s/d—Os anões que tive foram secreções da minha impetuosidade. O minha alma, como-te transida e moeta de ualdão.—de onde do quem, como saber ao certo? Alguma coisa me seduzia e me faz enico. Terri corração de ir até o fim cobrado-me de rosas?

Sobre esta face pávida, sobre bote ser oculto e frenozato, sobre este destino excrementicial. Nada rengo da minha natureza, porque

daquilo que me faz de merda e sangue, consentir-me-vei definitivo e eterno. A mim os lábios e os lábios, a mim os corvões e as belas. A mim o ser que fui, o que sou, o que não sei mais. A mim os incontáveis traideiros. A mim o grande doge que me habita, o carnaço e o vasado. A mim gemidos e distâncias; reião as partes dispersas como um grande intruso.

Compre-me com algéim que armasse após si um linero manto de sêla escarlate; compare-me agora a um monstro rugoso e estranho, com um antônio e um casco imemorial de côr verde; quelejar coisa monumental e estôica que reinagurasse o modo como um elemento de exôfite e de depuração. Com olhos secos e líceios contemplos à impossibilidade da eternidade; o solo fimega em fômo de mim e nino tizeira. A noite mais bela é a avocada. As grandes revoluções são trunças de aumento. Restam as minhas pânsega, e os punhos do mundo que não consigo contar. No entanto, as vides são lindas e as vides, que se cobrem em um do próprio amarelo da vida, que se cobrem em uma indispensável e uma dor que se aprecia, que já é sangue, suor e espera.

1955

MARÇO

17—Depois deste longo hino, aqui estou de novo. Ah, um diário não é jamais um roboto constante, um rio contínuo é sem desleicimento que fosse delirando a nossa vida...

Um diário é apenas uma crônica de gemidos.

De novembro para cá ainda não realizei as grandes coisas que sonhei... Mas elas serão realizadas, tenho certeza.

18—Sonhei esta noite que alguém havia amaldiçoado a minha morte. Houve depois uma espécie de reconsieração da sentença e pude me ver, estendido, que regressava à vida muito cambaleante. Vi-me depois caminhando como se estivesse bebado, um sacco sua cabeça enterrado até à cintura. Talvez fosse por isto que eu cambaleasse. Acordei com uma voz que me dizia: "E a sua alma".

30—Em casa de Hildon Rocha, caio, sem querer, sobre um trecho do Triunfo de Athayde que faz a diferença entre o Cristo Agniaco

O trecho impresso com a data de 3 de dezembro de 1954 é de 3 de dezembro de 1951; os três fragmentos subsequentes, sem data, não integram o segundo caderno de manuscritos do *Diário*, que compreende o período de 17 de agosto de 1951 a 5 de setembro de 1952 (veja nota 17 nesse ensaio); as três anotações seguintes são de 17, 18 e 30 de março de 1952.

e o Cristo Irradiante. O primeiro seria o Cristo de Usumanu, o segundo... o de Romano Guardini. Leio com ceticismo, imaginando o tremendo esforço para se acreditar perpetuamente num Cristo de alegria. Evidentemente estamos aqui muito longe do "Cristo em agonia até a consumação dos séculos..." Mas não há dúvida de que isto me leva a outras leituras e, em particular, a Usumanu, que conheço mal.

JUNHO

10—Alguns, há tempos, acho bizarro que eu afirmasse não ser um escritor, e sem uma atmosfera. Há dias em que me sinto um personagem—e não eu mesmo. Só me reconheço, só encontro de autenticamente meu a obstrução com que leve fosse ser imaginado a costear lábas as rampas do precipício.

11—Dias vazios, desoladamente vazios. Passo as horas ocupado em resolver certos problemas financeiros, e em encontrar essa coisa difícil que se chama dinheiro. Difícil e repugnante—mas Valéry tem razão, é ele o óleo que alimenta as engrenagens do mundo.

12—Intiramente afastado deste calerno—e de tudo o mais—com as novas perspectivas que se apresentaram de continuação de *Mulher de Lorde*. Encantos, projeções, fotografias—à mesma ronda de sempre, à espera de que a solução surja. Desta vez, no entanto, tudo me parece mais fácil. Vejamos o que me reservam os dias futuros.

As mesmas quedas, os mesmos tristes efeitos. Mas não é a solução em si o que mais importa, e sim o esforço para atingi-la. Decerto isto é o que se pode chamar de bem. E é o que nos serve. Mas que podemos nós que não amamos isto, e sim o bem que o nosso coração elige?

Sinto não saber corresponder a essas demonstrações de amizade: mas isto outros os elementos de que preciso para ser feliz. (A perfeita tentação...) E vem daí o mal, a incompreensão de tudo.

AGOSTO

14—Há três meses atrás recomençava eu o meu Diário, interrompido há tanto tempo. Não sei que força esquisita me empurrava a recomençá-lo, numa situação tão diferente, mas com o coração tão seco, e tão opresso quanto antigamente. Ai de mim, hoje é

fácil trazer o caminho da minha vida, fazer a soma de meus lúveres—que ainda são pobres, como sempre o serão. Mas a vida que me dá o prazer de viver, e fluir e seguir o tempo, esta não sei mais onde está, e a sua ausência, sem dúvida, que compõe este meu hoje, com suas certezas e suas tristezas.

Não há mais tempo para hesitações, a estrada que devo palmejar é certa e definitiva, qualquer deslucamento agora é a minha perda. E é isto que me faz conceber-me meio célio e retrato de V.

que Gidecelly hoje me deu como presente de aniversário, e então necessito a única pessoa neste momento que poderia me interessar apaixonadamente. É impossível, tenho medo. Mito e remiro o relógio, e o tempo como quem escuta a nota de uma música confundida, virada no vento; o som é autêntico, e é novo, mas desperta em mim a sensação de ter tocado num lugar já fênelo em outros tempos. E ao mesmo tempo...

O que eu leio, o que eu faço. A certeza de que farei alguma coisa, apesar de todos os empecilhos que descobro. Tudo o que eu leio, tudo o que eu vivo, possui uma única direção. Nesta noite de 14 de agosto, sábado, escrevendo no meu quarto, encontro-me maravilhosamente intacto. Obrigado, meu Deus.

17—Domingo, Letens, Vito e Sabino escutam música de Bach. Maria aperta-se para ir ao encontro de alguns cadetes do *Antêrrio* *Prepósito*. Dão assim, nada parece mais banal, um dia como os outros, mas eu imagino, por exemplo, o quanto será estranho descobrir estas coisas aqui escritas depois de vinte anos. Daqui a vinte anos, se viver, serei um homem velho, e é assombroso o quanto posso lembrar-me do que aconteceu há vinte anos atrás comigo mesmo (a casa da Rua Visconde de Pirajá, minha amizade com Cláudio, um romance que escrevi com o filho esquilo de filha), e o quanto tudo isto parece recente e próximo de mim. As vezes, em momentos como este, sou mesmo capaz de imaginar a minha vida toda já passada, extinta, um tanto consumida. E talvez que as coisas que me compõem são demasiado simples, e é fácil prever o que acontecerá—de onde uma certa melancolia é também, porque não dizer, uma certa paz.

Leitura: um livro de Jean Genet, que ainda leio com grande admiração, mas sem o transpore da descoberta.

Um autor novo: Truman Capote.